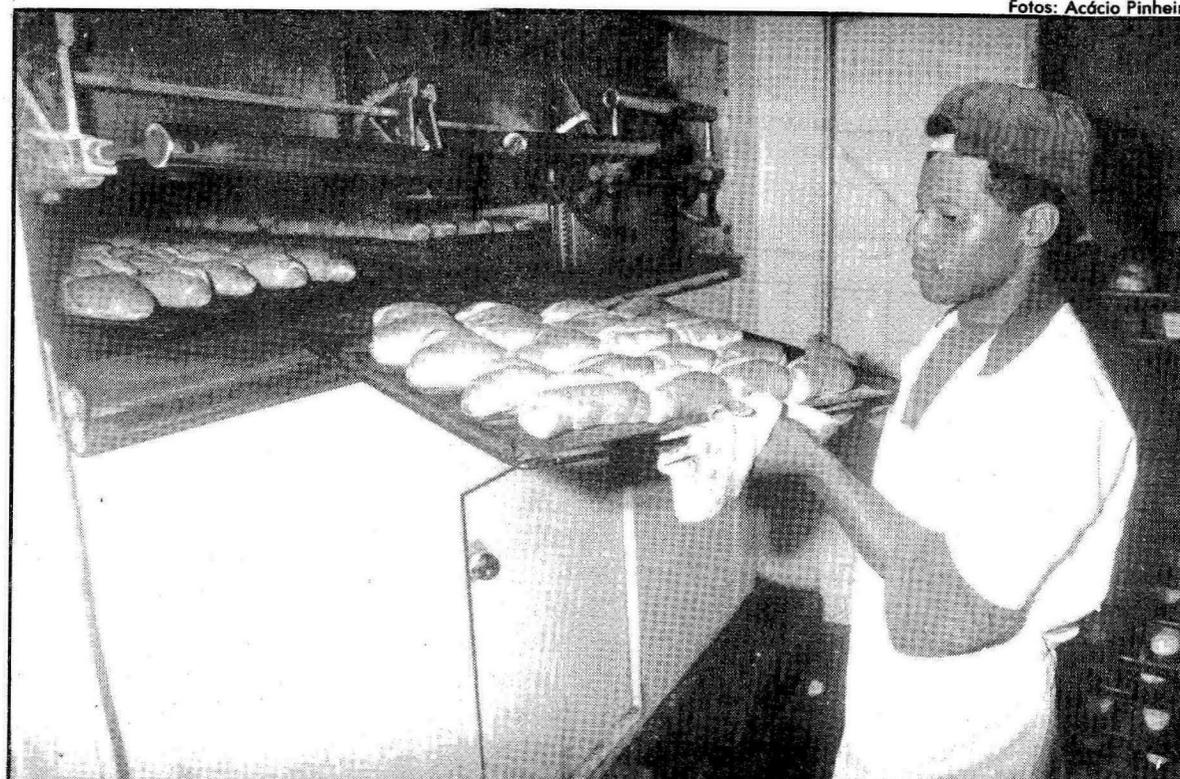




Otanevie é castigado com o calor proveniente do motor do ônibus, que amplia o produzido pelo clima



José de Souza, padeiro, reclama do calor do forno que é obrigado a enfrentar todos os dias

Brasilienses sofrem com o clima quente e seco

Brasília, calor de 33 graus. Desacostumada com um clima tão quente e seco, que aconteceu pela última vez no DF em 85, a população sofre diariamente com o calor. Nos finais de semana, a situação é contornada nas piscinas dos clubes da cidade e com horas a fio em bares e sorveterias. Mas, durante cinco dias, o brasiliense tem de conviver com a alta temperatura, que torna qualquer profissão mais árdua. De executivo a padeiro, todo mundo reclama da falta de chuvas e temperatura amena.

Na capital mais burocrática do País, terno e gravata são peças obrigatórias do vestuário masculino em muitas repartições públicas. Mas com o calor, a obrigação se torna sacrifício para muitos. "Esse ano a temperatura está insuportável e eu sou obrigado a trabalhar de terno e gravata todos os dias", desabafou o agente de segurança do Tribunal de Justiça do DF, Walter de Souza. "Quando dá 14h00, o calor piora e é justamente a hora em que saio do trabalho e pego o ônibus para ir para casa", disse o agente.

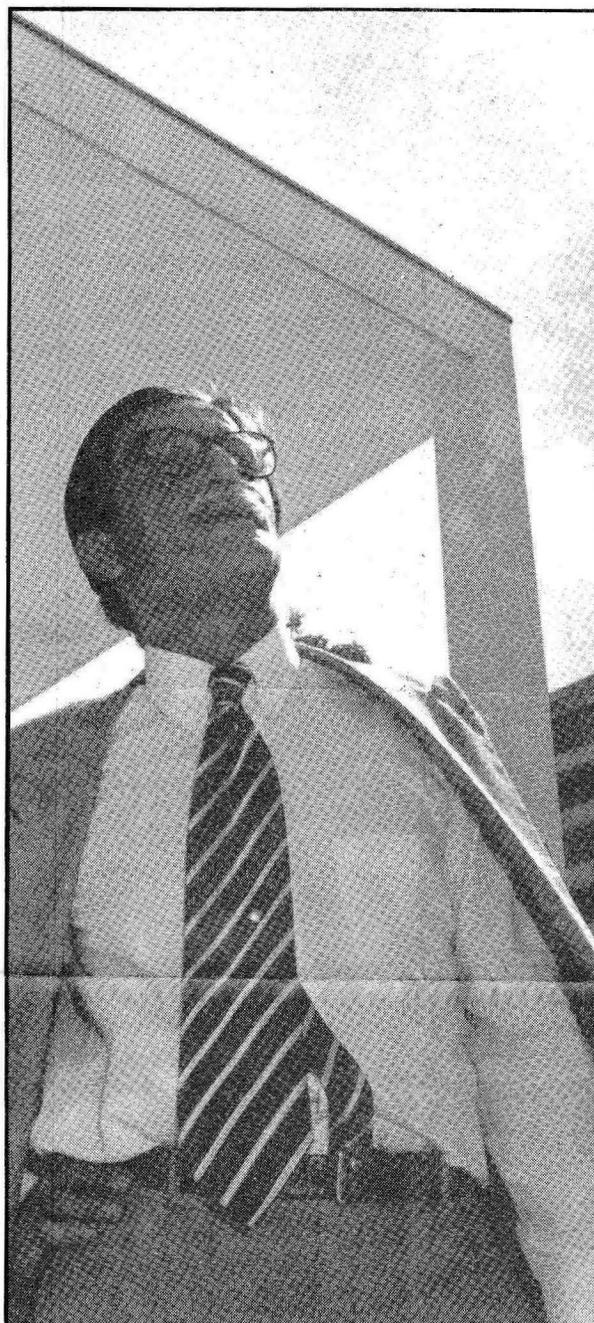
Depois de morar na Índia, com temperatura que chega a 50 graus, o diplomata Paulo Soares consegue suportar qualquer calor, apesar de considerar "terrível" ter de trabalhar de terno completo e enfrentar o clima quente na rua. "Agora mesmo vou ter de entrar no carro que deve estar pegando fogo, a gente não consegue nem guiar", reclamou. "Nós pelo menos poderíamos fazer como os americanos e nos habituar a usar terno com camisas de manga curta, ia dar uma aliviada", afirmou o diplomata.

Trabalhando diariamente seis

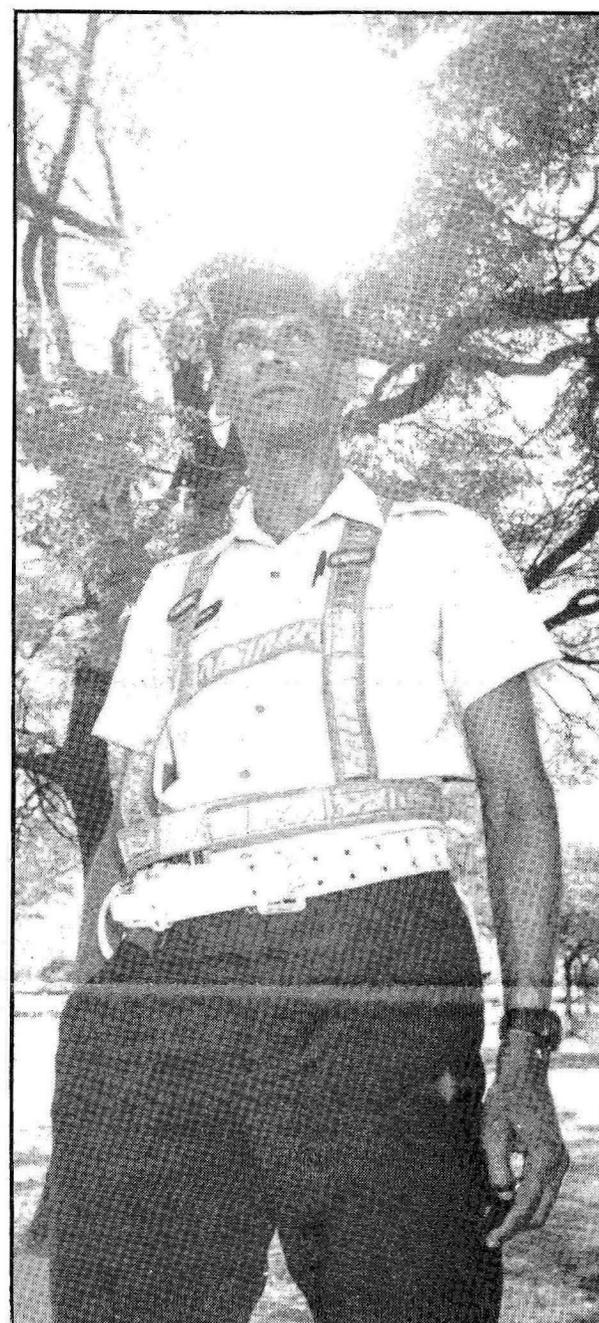
horas ao sol, o soldado da Polícia Militar Emivaldo Barros é um dos responsáveis pelo trânsito no semáforo do Setor de Diversões Sul, e mais um dos brasilienses a sentir na pele os efeitos do tempo quente. "A gente tem de usar os coturnos e boinas que esquentam muito, sem contar que a gente não pode sair do posto de trabalho hora nenhuma, tendo de ficar direto no sol", contou o soldado. "Ficamos expostos ao tempo e isso é muito estafante", completou.

O trabalho de um motorista de ônibus não é menos penoso. Otanevie Alves, motorista da empresa Planeta, além de enfrentar engarrafamentos e ônibus lotados debaixo de sol forte, tem de agüentar, ainda, o calor gerado pelo motor do veículo, localizado à direita do seu assento. "Eu tento diminuir a quebra-vento, mas o clima esse ano está muito ruim, muito pior que nos outros anos", comentou Otanevie. Segundo ele, a pior hora do dia ainda é entre 13h00 e 14h00 no horário normal.

Vivendo quase literalmente dentro de um forno, o padeiro José de Souza, que exerce a profissão há 20 anos, também reclama do clima extremamente quente. "Nós ligamos o exaustor para tentar melhorar, mas não resolve. O calor do forno e o sol lá fora esquentam muito", disse o padeiro que, de 10h00 às 17h00, trabalha no subsolo da padaria Pão Elite, na 302 Sul, fazendo e assando pães. Ele ainda lembra que o trabalho exige esforço físico, o que contribui, todos os dias, para que ele sue mais a camisa.



Paulo Soares está acostumado com calor de 50 graus



Emivaldo enfrenta o calor, sem poder sair do sol